

WALTY, Ivete Lara Camargos. **A rua da literatura e a literatura da rua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 270 p.

Tiago de Holanda Padilha Vieira

(Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG)

O espaço social, nas cidades modernas, é continuamente tecido (e rasgado) por ajustes e conflitos entre forças (econômicas, políticas, culturais), representações, práticas. O espaço é instrumento para o controle, o poder, mas os agentes que tentam moldá-lo não conseguem dominá-lo inteiramente. Em **A rua da literatura e a literatura da rua**, Ivete Lara Camargos Walty – doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora do programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas – ratifica a percepção dessa dualidade – centralização e dispersão, ordenação e desvio. Na modernidade prevalece um modelo de civilização que, excluindo certos segmentos sociais, exercita o que Walty chama, reiteradamente, de “aplainamento”, uma eliminação de trajetórias heterogêneas e de seus cruzamentos. A este projeto, porém, resiste o movimento inquieto e múltiplo da rua e de seus transeuntes/personagens.

Constatando esta resistência e aliando-se a ela, o livro de Walty tem como objetivo principal analisar “configurações de rua na narrativa urbana brasileira” (WALTY, 2014, p. 10). A autora menciona a variedade de conceitos de rua apresentada ao longo do tempo e propõe que se perceba este espaço em sua relação com as trocas culturais, isto é, enquanto metonímia do “espaço público”, caracterizado por Jurgen Habermas e, depois, por Dominique Wolton como o campo de trocas de informações intermediário entre a sociedade civil e o Estado, e em alguma medida contra o Estado; trata-se do campo no qual interagem, frequentemente contrapondo-se, discursos de diversos agentes que compõem uma sociedade. Walty admite uma “ampliação” dessa praça simbólica, legitimando a inclusão de indivíduos e grupos comumente apartados das deliberações políticas, especialmente o iletrado.

A autora, então, intenta estudar narrativas que, abordando o espaço da rua, tomem como personagem a figura do marginalizado, sobretudo do iletrado, observando-se como este se inscreve “no universo por excelência das letras, a literatura” (WALTY, 2014, p. 18). Explicita-se o caráter problemático, provocante, do encontro desse tipo de personagem com o

texto literário. Por isso, as configurações da rua nessas narrativas são observadas como metonímias de “passagens culturais”, remetendo-se à noção de “passagem” apresentada por Walter Benjamin em estudos sobre a Paris do século XIX. Na capital francesa, as passagens, corredores construídos para o comércio de luxo, eram “invadidas” pela face “incivilizada” da cidade e da ordem político-econômica que a gerenciava. Assim, a passagem contém os “detritos” que pretende expulsar e ocultar, mas que denunciam seu avesso, a antipassagem – a rua, lugar do excluído, impõe sua presença.¹ Avalia-se que a análise da existência (ou da ausência) da rua em obras literárias pode ser uma via para o estudo das relações de poder, na sociedade brasileira, entre uma elite (econômica, política e/ou cultural) e os outros segmentos sociais.

A rua, na concepção adotada pelo livro ora resenhado, é descrita como espaço oscilante, ambivalente, contraditório. Por um lado, é celebrado como instável, móvel, inconcluso, fragmentário, acolhendo discursos e dicções diversos, um espaço onde se pode “recuperar” detritos, trajetórias, buracos, fraturas – em suma, um desafio a projetos ordenadores, centralizadores, homogeneizantes. Por outro lado, a rua pode sofrer um “aplainamento”, uma “pavimentação”, nos termos usados pela autora: “Na construção desse espaço inscrevem-se as relações assimétricas de poder a fortalecer ou borrar os limites entre centro e periferia” (WALTY, 2014, p. 107). A rua pode ser produzida de modo a tornar-se uma “paisagem do poder”, afirma Walty, referindo-se a um conceito tomado de Sharon Zukin, para quem o espaço social manifesta a chancela de instituições dominantes, gerando-se uma tensão entre as construções dos poderosos e as dos sem-poder. Remete-se, por exemplo, “ao mascaramento da cidade ou, mais do que isso, ao aplainamento das diferenças” constituinte do processo de modernização realizado no Rio de Janeiro no início do século XX (WALTY, 2014, p. 65).²

¹ Esse fato parece ser especialmente verdadeiro no contexto da modernidade latino-americana, como ressalta Willi Bolle, ao constatar que a visão conciliadora do *intérieur* burguês e da rua, própria do *flâneur*, “não está de acordo com o que se observa cotidianamente nas metrópoles da América Latina (e do Terceiro Mundo em geral)”, onde o “homem de letras” cruza frequentemente com pessoas que têm a rua como única morada. “Aqui, o sonho do *flâneur* acabou, há muito tempo” (BOLLE, 1994, p. 288).

² Walty não esclarece o que entende por “diferença”. Ela cita Adrián Gorelick e “sua visão da América Latina, como espaço não da diferença, mas do contraste e da desigualdade, [...] como uma ruína da modernidade” (WALTY, 2014, p. 51). Assim, opondo-se diferença e desigualdade (ou contraste), sugere-se a necessidade de a noção de diferença, ou de diversidade, ser inquirida e nuançada, politicamente. Henri Lefebvre (1991), por exemplo, permite perceber que uma noção demasiado vaga e flexível de diferença pode contribuir para cobrir de névoa uma hegemonia político-econômica.

Considerando-se essa ambivalência, a literatura “se faz rua” por expressar a mesma “contradição entre o aplainamento e a diversidade” (WALTY, 2014, p. 107). Não obstante essa dualidade, o sentido de rua como espaço favorável à diversidade, à descentralização política e cultural (ou ao policentrismo), é o que prevalece nas aproximações feitas por Walty entre a rua e os textos analisados. Um texto poderia, mais ou menos, “ser rua”, não apenas por conter referências realistas que permitam o reconhecimento de um espaço extratextual, mas, sobretudo, pelo modo como se ordena internamente gerando um “mundo novo”, valendo-nos da expressão de Antonio Candido (1993, p. 10). Algumas obras perceberiam ou proporião a rua como realidade detentora ou inspiradora de uma expressividade particular. A análise dos textos selecionados mostra que há diversas formas de um texto “ser rua”, considerando-se, inclusive, as diferenças entre os contextos históricos de produção e recepção.

O livro aqui resenhado divide-se em duas partes, ou “duas vias” que se intersectam, como prefere a autora (WALTY, 2014, p. 19). A primeira, que tem seis capítulos e cobre quase dois terços das páginas, destina-se à análise da rua – associada à questão da pobreza ou da exclusão social – como tema da narrativa literária brasileira, especificamente do *corpus* escolhido. A segunda “via”, com cinco capítulos, examina – com exceção do capítulo dez, como veremos – outra classe de produção cultural ligada ao contexto urbano e ao segmento dos excluídos: trata-se de matérias das revistas **Ocas** (produzida e publicada no Brasil) e **L’Itinéraire** (Canadá), enfatizando-se que seu processo de enunciação envolve diversos agentes, como organizações não governamentais, intelectuais, artistas e moradores de rua. “Nesse sentido, as próprias revistas são tomadas como um espaço de cruzamentos culturais, em um jogo metonímico com a rua e a cidade.” (WALTY, 2014, p. 20).

O capítulo primeiro analisa **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida. A rua, em sua corporeidade, tem contornos precisos? Constitui um “continente” claramente demarcável, divisível de seus “conteúdos” (pessoas, edifícios, “objetos”, movimentos, temperamentos etc.)? Sem enunciar essas questões, Walty escreve que, na narrativa, a rua se caracteriza em sua mobilidade e, assim, torna-se “ela própria personagem em sua relação metonímica e metafórica com aqueles que a percorrem ou cruzam” (WALTY, 2014, p. 26). Vária, fragmentária e instável, a rua “age”, não se limitando a ser recipiente de movimentos, de modo que ela não precisa ser diretamente citada para

indicar-se sua presença.³ A autora constata que a mobilidade marca o enredo e o texto de Almeida, o que faz a obra ser análoga à rua (ou “ser rua”). A narrativa rejeita o dogma, adere a certa incompletude, forma uma rede de “discursos diversos – o histórico, o jornalístico, o folclórico, o musical – e dicções várias – a cômica, a caricatural, a satírica, a teatral, a metalinguística” (WALTY, 2014, p. 38). Remetendo-se ao conceito de “cena enunciativa”, com base em Benveniste e Bakhtin, a autora (2014, p. 27.) mostra que, no texto dessas **Memórias**, narrativa e rua se montam como palco a exhibir “cenas e contracenas, ribaltas e bastidores”.

O capítulo seguinte, o mais extenso do livro, analisa e põe em diálogo contos e crônicas publicados, entre o fim do século XIX e o início do XX, por Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis, Olavo Bilac, Lima Barreto e João do Rio. Partindo-se da tese de que a Rua do Ouvidor pode representar, metonimicamente, um Rio de Janeiro que se moderniza, busca-se apontar como as configurações dessa rua revelam-na não apenas paciente e agente de tal modernização, mas também espaço público a exhibir relações sociopolíticas da época. Walty (2014, p. 91) avalia que as crônicas, como passagens, inserem-se na “civilização” e, também, acusam “sua imagem espelhada, seu avesso, reforçando a percepção benjaminiana da modernidade com seus contrastes”.

Repetindo uma abordagem crítica corriqueira quanto às produções cronísticas de Bilac, Barreto e João do Rio, Walty faz dialogarem os modos como esses autores tratam do tema das mudanças urbanísticas, paisagísticas e dos costumes sofridas pela então capital do país no início do século XX. Em um culto à narrativa mítica do progresso, a cidade – ao menos, suas elites dirigentes – repudia trajetórias associadas com o atraso. Walty observa que Bilac, ainda que às vezes atue como agente desse alijamento, indica ser impossível o aplainamento “civilizador”. Por seu turno, Barreto não apenas rejeita a Rua do Ouvidor – por ele vinculada a um artificialismo –, como também mostra que a tentativa de aparar contradições acirra-as. Barreto se posta no “conflituoso encontro entre aqueles que excluía e

³ Esta questão nos remete ao paradoxo dos contatos que diferenciam e unem, tornando junção e disjunção indissociáveis, como observa Michel de Certeau (2014) – aliás, um dos teóricos mais referidos por Walty. A rua se mistura a seus “ocupantes” sem, contudo, confundir-se com eles – mas o que separa as ruas do que as “ocupa”, das relações que nelas se geram e se transformam continuamente? Em outro sentido, o que separa a rua dos interiores que a “margeam”? Do interior, da casa – por portas, rótulas, janelas, fendas, vibrações –, a rua é vista, cheirada, ouvida, sentida, pressentida, adivinhada, antevista, percorrida, imaginada, temida, desejada; encontrada-evitada, aproximada-afastada. A rua está dentro, a casa está fora.

os excluídos que atravessavam os limites que os circunscreviam” (WALTY, 2014, p. 85). Por fim, indica-se que João do Rio, na coletânea **A alma encantadora das ruas**, descreve a Rua do Ouvidor, inicialmente, como sítio da vaidade elegante. Em outra crônica, porém, o mesmo endereço é atravessado por moças pobres que, voltando do trabalho, são enfeitiçadas pelas vitrines. Assim, o dentro e o fora da vitrine participam de um espelhamento que “é metonímia da própria rua e da sociedade que a abriga” (WALTY, 2014, p. 89): a pobreza opõe-se à riqueza, mas também é sua outra face, seu complemento.⁴

O terceiro capítulo estuda o romance **O moleque Ricardo**, de José Lins do Rego. Se nos textos analisados anteriormente Walty enfatiza e aprova certos modos de acolher (e até “ser”) a rua em sua abertura e mobilidade, agora a autora examina um caso que caminharia no sentido oposto. Situando-se no período histórico da industrialização do país, o enredo mostra ruas percorridas somente pelo “refugo do sistema” (WALTY, 2014, p. 104), isto é, por operários e criados, sem que interajam com gente de outro grupo social, sem que haja trocas culturais. Aponta-se que, na cidade do livro, as relações de poder não são discutidas. A obra faz certa “defesa da vida” (WALTY, 2014, p. 100), mas apresenta uma perspectiva estática da ordem político-econômica, como se esta fosse imutável. Tal posição ético-política se refletiria até “na organização da narrativa e na escolha da linguagem, entre o romance tradicional do século XIX e as novas formas advindas do modernismo” (WALTY, 2014, p. 101).

O capítulo quarto estuda os romances **Os ratos**, de Dionélio Machado, **Angústia**, de Graciliano Ramos, e **Noite**, de Érico Veríssimo, com o fim de observar como a fragmentação das subjetividades dos personagens, no trânsito pela cidade, revela fraturas sociais resistentes à tensão de aplainamento. Nesses textos, misturam-se o íntimo e o público, o eu e o outro, sem que os polos sejam dicotomizados, embora não se fundam. Em um espelhamento entre os protagonistas e os outros personagens, gera-se uma “cadeia de intersubjetividade” (WALTY, 2014, p. 128), sem que as subjetividades se percam. Em cada narrativa, o cruzamento de trajetórias gera ritmos múltiplos, uma sintaxe mista que ecoa “vozes diversas do eu, do outro, do outro do eu inserido no jogo social” (WALTY, 2014, p. 128). Todas as trajetórias e

⁴ Walty deixa de referir uma terceira aparição, em **A alma encantadora das ruas**, da Rua do Ouvidor. Na crônica “Cordões”, a rua, “apropriada” por uma multidão de habitantes pobres durante um Carnaval, ganha um aspecto caótico, “deselegante”, distante do desejo de ordenação da cidade expresso em sua remodelagem “modernizadora”. Assim, a cidade partida passa por uma reconciliação festiva, embora parcial e provisória.

histórias se retalham e intersectam, sem se submeterem a um modelo central, corroborando-se, segundo Walty, o conceito de espaço de Doreen Massey.⁵

Objeto do quinto capítulo, **eles eram muito cavalos**, de Luiz Ruffato, tem no fundamento de sua construção os mecanismos da contaminação, do deslocamento e do anonimato comum à rua. A obra mesma, desnomeada enquanto gênero, embaralhando textos de origem vária e contaminando-se por eles, seria uma metáfora da cidade contemporânea, feita de tempos e espaços diversos, de enunciações dissonantes que o texto faz colidirem em “um movimento tensional que não se quer resolvido” (WALTY, 2014, p. 141). Vidas distantes cruzam-se, assim como “as palavras enumeradas sem vírgulas, as frases sem pontuação ou com pontuação alterada” (WALTY, 2014, p. 140). A ordem social e cultural se mostra em cacos, como se o texto testemunhasse, segundo a autora, a catástrofe referida nas teses de Benjamin sobre o conceito da história.

Estudados no capítulo sexto, último da primeira parte (ou “via”) do livro de Walty, contos de Marcelino Freire expõem uma “escrita explicitamente interlocutória”, tensionado a voz autoral e vozes de mulheres, gritos que atacam a exclusão e a hipocrisia sociais, deslocando – novamente, a noção de deslocamento – paradigmas, valores, discursos prontos, lugares sociais estabelecidos.

Na segunda parte, quatro capítulos examinam matérias da revista **Ocas** em diálogo com outras da congênera **L’Itinéraire**. Ressalta-se que essas publicações “alternativas urbanas” (WALTY, 2014, p. 166) compõem uma rede que ultrapassa fronteiras nacionais, ligando gente sem-teto a integrantes de diversos grupos sociais – por exemplo, artistas e professores. As revistas visam a reinserir, econômica e socialmente, a população que mora na rua. Além de serem tema de textos da **Ocas**, indivíduos marginalizados participam como autores, reconhecidos como “sujeitos de suas ações e não somente objeto de discussões entabuladas por outros” (WALTY, 2014, p. 176). O periódico, pois, apresenta uma enunciação múltipla, segundo Walty, que o considera análogo à rua, um lugar público onde espaços e pessoas se encontram.

⁵ O conceito de espaço apresentado por Massey é assim sintetizado: “o espaço é uma construção relacional, aberta, múltipla, não acabada e sempre em devir, marcando-se pela coetaneidade, pela imbricação de trajetórias e estórias. As cidades se constroem como intensas e heterogêneas constelações de trajetórias, exigindo uma negociação complexa” (WALTY, 2014, p. 106).

A autora considera esse tipo de revista uma “parceria” (WALTY, 2014, p. 166) complexa por mobilizar membros de distintos segmentos sociais, envolvendo relações de poder presentes no mercado econômico e cultural. Essa mobilização “caracteriza um novo processo de escrita, que ilustra uma nova maneira de ‘viver junto’”, instaurando-se, assim, uma “nova ordem textual e social” (WALTY, 2014, p. 190-191).⁶ Nesta ordem, o intelectual não se situa, em posição superior, no centro da construção do conhecimento e das mudanças sociais. Ele “consideraria não apenas o conhecimento sancionado, mas também seus detritos, aquilo que foi deixado de lado pela organização econômica, política e cultural, apoiada em uma razão única, a iluminista” (WALTY, 2014, p. 205). Nessa forma de atuação, encontrada por Walty em textos de **Ocas** e **L’Itinéraire**, o intelectual busca uma “linguagem de interseção que condense e/ou desvele os hiatos entre os segmentos sociais” (WALTY, 2014, p. 212). A autora investiga, também, como as subjetividades das pessoas sem-teto podem se constituir por meio da escrita, ao participarem dessa enunciação compósita.

Essas revistas contribuem para “inserir” no espaço público grupos em geral excluídos dele. Segundo Walty (2014, p. 180), é possível que “o processo de publicação e recepção dessas revistas” seja “um exemplo de um movimento de reconstrução ou alargamento do espaço público”.

O capítulo décimo, único na segunda parte do livro a não analisar matérias de **Ocas** e **L’Itinéraire**, descreve iniciativas culturais que, em favelas e periferias de cidades latino-americanas, constituem intervenções públicas que rasurariam “a hegemonia do capital global” (WALTY, 2014, p. 218). Iniciativas de “resistência engenhosa” (WALTY, 2014, p. 219), afirma-se em referência às ideias de Michel de Certeau acerca da tática. Porém, não se limitando a louvar essas propostas, questiona-se: “Ficariam tais iniciativas confinadas em terrenos geográficos com a ilusão de que as ações culturais, mesmo que com inserções políticas, funcionem como válvulas de pressão esvaziando a pressão do caldeirão?” (WALTY, 2014, p. 227). Dessa forma, Walty, indiretamente, e talvez sem perceber, indica a ambivalência política da tática certeuniana, a qual, com seu aspecto difuso, fragmentário,

⁶ A constatação dessa dupla “nova ordem” nos remete a proposições de Jacques Rancière (2010, [s.p.]), segundo as quais o romance realista criado no século XIX institui uma “nova cosmologia ficcional” que é também uma “nova cosmologia social”. Nesse tipo de romance, o espaço e a ação não se subordinam a vontades e estratégias específicas. O espaço pulveriza-se em pessoas e eventos *insignificantes*, isto é, não integrados a uma “concatenação funcional de ideias e ações, de causas e efeitos” (*ibidem*). Uma parte dos textos analisados na primeira “via” do livro de Walty parecem perseguir uma configuração similar.

não sistemático, não representa ameaça a qualquer ordem dominante, sendo um gesto determinado pela “ausência de poder” (CERTEAU, 2014, p. 95). A tática pode ter como efeito o reforço da ordem e, pois, a redução das chances de esta ser subvertida. Sendo, às vezes, os únicos recursos (paliativos) aos quais se pode recorrer, as táticas podem incitar a resignação. Na questão acima transcrita, Walty aponta, aparentemente, o problema da espacialização de uma ação contra-hegemônica, que pode se confinar em “terrenos geográficos” ou capacitar-se, politicamente, a intervir na produção estratégica do espaço social. Problema enfrentado por Henri Lefebvre (1991), que, coincidentemente, também emprega a imagem de um caldeirão à espera de uma ebulição que lhe sacuda a tampa.

Vemos que, de todos os textos e propostas culturais estudados na obra ora resenhada, apenas o romance de José Lins do Rego é avaliado como construção antagônica à rua, ou ao menos à imagem de rua como espaço de encontros, aberto, móvel, múltiplo. Walty aponta que a rua é e deve continuar a ser vária, apesar das tentativas “esclarecidas” de controlá-la, “corrigi-la”, “educá-la”, como se se tratasse de um plano destituído de história(s). Ao incorporar algo dos “excessos” que furam a superfície da ordem, a literatura pode almejar uma reordenação dupla, tanto da espacialidade literária quanto da cidade, marchando adiante para abrir caminho e legitimar espaços e práticas outros.

Referências

- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Tradução de Donald Nicholson. Oxford: Blackwell, 1991.
- RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. **Novos estudos – CEBRAP**, São Paulo, n. 86, p. 75-80, mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100004>. Acesso em: 14 mar. 2017.